

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares [Sexuality, political power and disciplinary techniques]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 03:29:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160545

Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares

Marcos César Alvarez, sociólogo, examina a conjunção entre soberania, disciplina e governamentabilidade e debate as ideias de Michel Foucault

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** sexualidade hoje é alvo tanto de técnicas disciplinares, voltadas para a normalização da sexualidade - definição do que é normal ou não - como também na questão da gestão de populações, preocupação com a reprodução etc”. A afirmação é do sociólogo Marcos César Alvarez, em entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Segundo ele, o sexo é um poder político “porque as tecnologias de poder transformaram o exercício da sexualidade numa questão política. Por isso, comportamentos que antes estavam restritos à vida privada são hoje publicamente discutidos e politizados”.

Professor no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Alvarez é graduado em Ciências Sociais por essa instituição, onde também cursou mestrado e doutorado em Sociologia. Sua tese intitulou-se *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil - 1889-1930* (São Paulo: IBCCRIM, 2003). É pós-doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França. É um dos organizadores da obra *O legado de Foucault* (São Paulo: Editora da UNESP, 2006). Em 16 de junho, apresentou a conferência Soberania, disciplina e governamentabilidade como tecnologias de poder, dentro da programação do **Seminário Michel Foucault - Corpo, sexualidade e direito**, promovido pela UNESP/Marília. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação entre soberania, disciplina e governamentabilidade como tecnologias de poder?

Marcos César Alvarez - Para Foucault, soberania, disciplina e governamentabilidade são diferentes tecnologias de poder. É preciso, no entanto, perceber que o poder para Foucault é uma forma de ação que é produtiva, e não apenas negativa. Quando alguns homens agem sobre a ação de outros, existe poder, por isso o poder está presente em qualquer convivência social. Se o poder soberano é aquele que pode levar à morte ou deixar o súdito viver, o poder disciplinar está voltado para o adestramento dos corpos, buscando objetivos produtivos. A governamentabilidade, por outro lado, tem como alvo o governo de populações.

IHU On-Line - Quais são as principais tecnologias de poder aplicadas à sexualidade hoje?

Marcos César Alvarez - Seguindo as discussões de Foucault, podemos conside-

“A discussão em torno do gênero só foi possível devido ao seu investimento por essas tecnologias de poder na modernidade. A partir das lutas de mulheres e minorias, transformadas em objetos e sujeitos por essas tecnologias de poder, é que emergem as questões de gênero”

rar que a sexualidade hoje é alvo tanto de técnicas disciplinares, voltadas para a normalização da sexualidade - definição do que é normal ou não - como também na questão da gestão de populações, preocupação com a reprodução etc.

IHU On-Line - Como essas tecnologias redefinem a questão de gênero?

Marcos César Alvarez - A discussão em torno do gênero só foi possível devido ao seu investimento por essas tecnologias de poder na modernidade. A par-

tir das lutas de mulheres e minorias, transformadas em objetos e sujeitos por essas tecnologias de poder, é que emergem as questões de gênero.

IHU On-Line - A sociedade patriarcal está ameaçada a partir da revolução queer? Por quê?

Marcos César Alvarez - Não sou especialista nas questões de gênero, mas creio que seria ingênuo afirmar que a sociedade patriarcal ou outras formas de dominação estão superadas. Pelo

“O importante é perceber, considerando as discussões de Foucault, que a vida social implica na existência de formas de poder”

contrário, trata-se de lutas permanentes, que, por vezes, permitem afirmar novos direitos e ampliar a cidadania, mas, em outras, ocorrem retrocessos.

IHU On-Line - Como a homofobia e o sexismo influenciam na aplicação das tecnologias de poder à sexualidade?

Marcos César Alvarez - Aqui acho preciso retomar a distinção feita por Foucault entre violência e poder. A violência é aquilo que destrói os corpos, enquanto que o poder é sempre uma forma de agir sobre os corpos. A homofobia e o sexismo podem se revelar em pura violência - no assassinato, por exemplo, de mulheres e homossexuais - ou em tecnologias de poder que recolocam formas assimétricas, desiguais de convivência social.

IHU On-Line - Em que medida o sexo é um poder político?

Marcos César Alvarez - O sexo é um poder político porque as tecnologias de poder transformaram o exercício da sexualidade numa questão política. Por isso, comportamentos que antes estavam restritos à vida privada são hoje publicamente discutidos e politizados.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Marcos César Alvarez - O importante é perceber, considerando as discussões de Foucault, que a vida social implica na existência de formas de poder. A questão é como construir formas de convivência social democráticas, a partir das quais as tecnologias de poder possam ser permanentemente criticadas.

Um ponto de partida das histórias foucaultianas da sexualidade: corpo e individualidade em o *Nascimento da Clínica*

POR CARLOS EDUARDO RIBEIRO

Uma análise da obra o *Nascimento da clínica*, de Michel Foucault, a partir da perspectiva do corpo e da individualidade é o tema do artigo a seguir, escrito pelo filósofo Carlos Eduardo Ribeiro, com exclusividade para a IHU On-Line.

Graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Carlos Eduardo defendeu a tese *Foucault: uma arqueologia política dos saberes*. Foi recém-aprovado como professor do Curso de Licenciatura Plena em Ciências na Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, campus Diadema. Confira o artigo.

Um dos trabalhos menos comentados de Foucault talvez seja o *Nascimento da clínica*. É possível que isso se explique em razão do árduo tema que lhe atravessa, a medicina moderna e sua noção de doença, ou mesmo devido à clara opção, feita por Foucault, por uma história conceitual da anatomoclínica que, considerando o surgimento da medicina do espaço social do século XVIII, favorece claramente, como modo de trabalho, a função metodológica nas teorias médicas. Poder-se-ia mesmo levantar a questão em que medida a consideração metodológica tão acentuada deste escrito não configurou uma arqueologia da *metodologia clínica* no desenvolvimento da arqueologia do olhar médico no século XIX. De todo modo, o *Nascimento da clínica* parece pouco acessível ao leitor de filosofia. Neste caso, a fortuna crítica o convocará apenas marginalmente no conjunto da produção do filósofo.

Por esta razão, vale pensar alguns aspectos desta arqueologia do olhar médico. Christiane Sinding¹ parece

¹ Christiane Sinding: pesquisadora do Insti-

ter em mente a questão da singularidade de o *Nascimento da clínica* quando, de modo pouco usual, ressalta a relação quase despercebida entre medicina e poder no escrito de 1963. Antes mesmo do projeto da crítica foucaultiana da subjetividade, as práticas *divisantes* do sujeito se fazem sentir no trabalho. Sinding trará o momento em que, na experiência médica moderna, impõe-se que o fenômeno patológico seja compreendido no domínio acoplado do hospital-escola. Tal experiência passa a fracionar o sujeito em médico-paciente, não para restabelecer o antigo papel de ocorrência classificatória e circunstancial da doença no doente, mas para forjar “uma estrutura coletiva do sujeito da experiência médica”.² A medicina não

tut National de la Santé et de la Recherche Medicale (INSERM), autora de *Le clinicien et le chercheur. Des grandes maladies de carence La rmedicine molimlaire* (1991) *Utopie Medica, Une La Sagesse DuCorps* (1992) e de vários artigos em história da medicina. (Nota da IHU On-Line)

² FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 121. (Nota